

2* JUL 1997

O poder é sisudo

Nas comemorações do Real, reapareceu o velho e conhecido Fernando Henrique. O bom comunicador de sempre, com suas tiradas bem-humoradas e, o mais importante, com positivas argumentações. Discurso perfeito para as platéias — tanto na Confederação Nacional dos Transportes, em São Paulo, quanto na Confederação Nacional da Indústria, em Brasília. Ressurgiu o ardoroso defensor das reformas estruturais, contrapondo-se àquele que recentemente disse serem as reformas objetivo apenas da equipe econômica.

De uns tempos para cá, o presidente resolveu alongar seus discursos. Falou 50 minutos em São Paulo e outros 40 minutos em Brasília, tempo suficiente para discorrer sobre seu projeto de governo e mostrar o que está sendo feito. Essa tem sido sua maior preocupação: deixar claro que o governo não fugiu do projeto de transformação do País para se dedicar apenas às futuras da política e à reeleição.

Mas não é esse Fernando Henrique que preocupa seus amigos e aliados mais chegados. Esse vai muito bem e isso foi reafirmado em suas aparições nos últimos dias. Apesar dos percalços (o Ministério é mais político do que de gestores), a avaliação é a de que a administração vai razoavelmente bem. O que preocupa é o Fernando Henrique que está no Palácio da Alvorada. Esse, dizem os amigos, mudou, e muito, de uns tempos para cá.

Desde março o presidente Fernando Henrique vem mudando seu comportamento nas conversas políticas. Isso coincide com a curva nas pesquisas de opinião. Ele deixou o jeito brincalhão e, sobretudo, de ouvir as ponderações críticas. Está na defensiva e mais irritadiço do que nunca. Ante a primeira observação não positiva, ele reage interrompendo o assunto e apresentando suas explicações.

Segundo os amigos e políticos que freqüentam o Palácio da Alvorada, a principal característica de Fernando Henrique — e a

mais louvável — era sua capacidade de ouvir muito e opiniões as mais distintas para processá-las solitariamente antes de decidir. Agora, ele já não gosta de ouvir mais. Dá a impressão de que já tem seu objetivo traçado e o persegue tentando superar qualquer obstáculo. Qualquer crítica à administração, ele responde com um texto pronto: o de que, desde o início do mandato, sua aprovação pessoal sempre foi maior do que a do conjunto do governo.

Sociólogo acostumado a decidir depois de reflexões, Fernando Henrique hoje é mais pragmático, imediatista. E, se ouve críticas, tenta desqualificar o autor, alegando mágoa pessoal por algum pedido não atendido.

Outro aspecto que preocupa os amigos é que já passa à opi-

nião pública a idéia de falta de autoridade do governo e a excessiva influência política na administração. Dois casos recentes são exemplares: o primeiro, a demissão do superintendente da Suframa. Apesar das insistentes explicações de que o técnico Mauro Costa será afastado porque politizou sua gestão, ao aproximar-se dos tucanos, não há quem apague a versão de que sua saída foi uma exigência do PFL do governador Amazoni-

no Mendes. Outro caso é o do presidente do Ibama, Eduardo Martins, que fez críticas à falta de ação do governo e não recebeu a menor repreensão. Ou seja: demite quem está trabalhando direito, por causa de pressão política, e mantém quem critica em público o governo do qual participa.

As mais recentes pesquisas chegadas ao Palácio do Planalto indicam que o presidente Fernando Henrique já recuperou o terreno perdido nos últimos meses de crises políticas. Isso lhe repõe a autoconfiança, o que pode ser bom ou não. Pode dar-lhe a confirmação de que está no caminho certo e passar a adotar a fórmula definitivamente.

O fato é que o poder é mais sisudo. E amigos, familiares e aliados têm de se acostumar a isso.



■ *Cristiana Lôbo é jornalista*

Acostumado a decidir depois de reflexões, FHC hoje é mais pragmático e imediatista